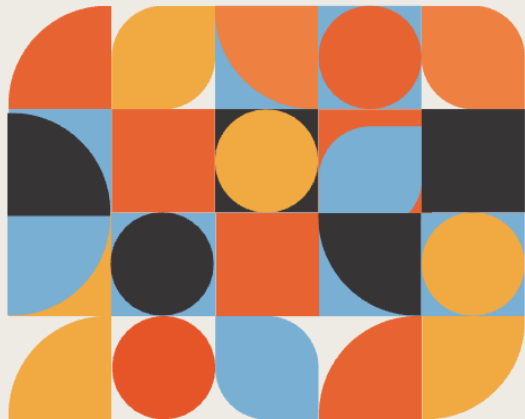




Vestindo a nação, a moda como instrumento de poder e identidade

Dressing the nation, fashion as an instrument of power and identity

Bacoli, Bianca Cristina Leite; Graduada; Universidade de Brasília, biancabacoli@gmail.com¹
Abreu, Breno Tenório Ramalho de; Doutor; Universidade de Brasília, abreubrenodesign@gmail.com²

Resumo: Este artigo investiga o papel da moda na construção de identidades nacionais, especialmente em contextos autoritários, onde ela atua como ferramenta de normatização estética e controle social. Com base em uma abordagem qualitativa, utiliza revisão bibliográfica e pesquisa documental para analisar a moda como prática política. A pesquisa evidencia como códigos visuais legitimam ou marginalizam corpos, revelando seus vínculos com poder e pertencimento.

Palavras chave: moda; nacionalismo; política.

Abstract: This article investigates the role of fashion in shaping national identities, particularly under authoritarian regimes, where it serves as a tool for aesthetic standardization and social control. Based on a qualitative approach, it draws on bibliographic review and documentary research to analyze fashion as a political practice. The study highlights how visual codes legitimize certain bodies while marginalizing others, revealing fashion's links to power and belonging.

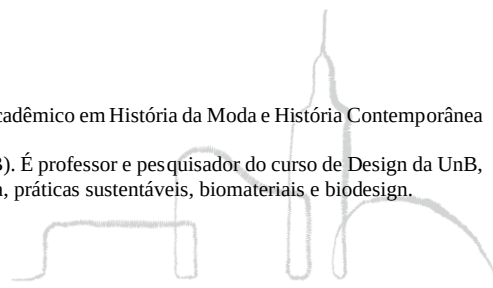
Keywords: fashion; nationalism; politics.

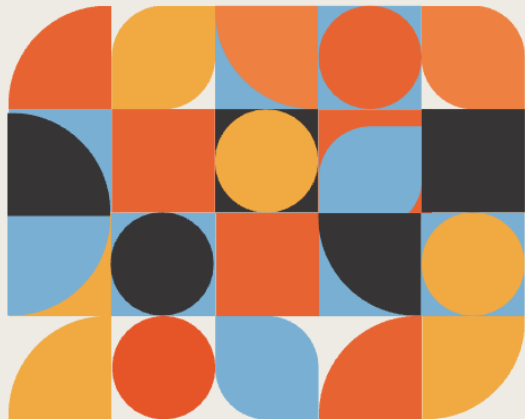
Inicialmente, é importante reconhecer que a moda, muitas vezes compreendida como expressão individual ou fenômeno passageiro, exerce também um papel central na construção simbólica de identidades coletivas. Neste contexto, este artigo propõe investigar como a moda participa ativamente da elaboração de uma identidade nacional ao operar como instrumento de padronização estética, controle da aparência e repetição de signos visuais. Dessa forma, ao vestir o corpo, a moda não apenas o adorna, mas também a disciplina e o torna portador de valores e narrativas associadas a projetos de nação.

Para tanto, com base em uma abordagem qualitativa, esta pesquisa mobiliza referências culturais e visuais da história da moda, articulando-as a uma análise crítica que considera a moda como prática social e política. A partir disso, observa-se como os códigos estéticos definem o que é socialmente aceito, belo ou representativo,

¹ Graduada em Design de Moda pelo IESB, cursando História na UnB (conclusão prevista para 2027), com foco acadêmico em História da Moda e História Contemporânea e interesse nas relações entre moda, cultura e sociedade.

² Possui graduação em Desenho Industrial e Ciências Biológicas, mestrado em Design e doutorado em Arte (UnB). É professor e pesquisador do curso de Design da UnB, coordenador do LabModa e editor-chefe da Revista Design, Tecnologia e Sociedade. Atua com Design de Moda, práticas sustentáveis, biomateriais e biodesign.





buscando compreender como determinados corpos são legitimados, enquanto outros são silenciados ou marginalizados.

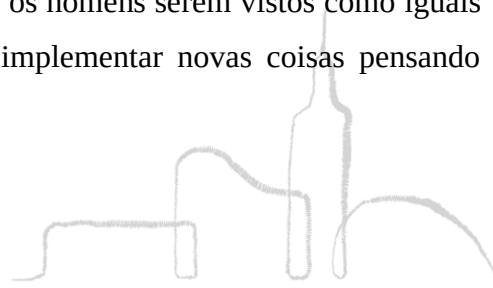
Nesse sentido, a metodologia adotada fundamenta-se na revisão bibliográfica e na pesquisa documental, com o objetivo de evidenciar a moda como ferramenta de normatização e construção simbólica. Assim, extrapola-se sua dimensão estética para revelar seus vínculos com processos de poder, pertencimento e exclusão.

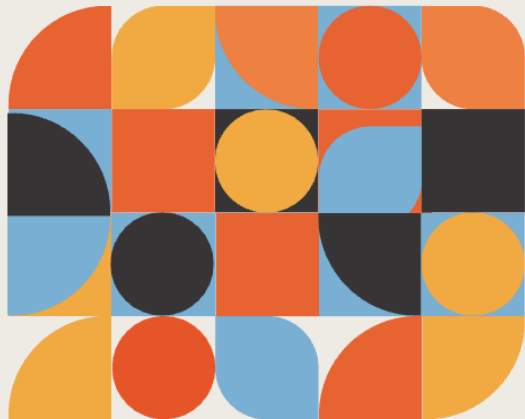
O que é Nacionalismo?

A priori, o surgimento do nacionalismo está historicamente localizável entre o final do século XVIII e o decorrer do século XIX, período em que se intensificam os projetos de construção de uma cultura material comum como forma de consolidar a ideia de pertencimento coletivo (Thiesse, 2008). O nacionalismo passa a atuar como um princípio espiritual aliado a uma herança cultural indivisa, fomentando a criação de símbolos, práticas e imaginários capazes de representar uma identidade unificada. Por volta de 1870, essa ideologia ganha força com a unificação de diversas penínsulas fragmentadas em Estados-nação, como nos casos da Alemanha e da Itália. Nesses contextos, as fronteiras políticas, antes indistintas ou artificiais, revelam-se insuficientes diante da força mobilizadora de elementos como o idioma, as tradições culturais e o sentimento de pertencimento.

Assim, o nacionalismo não apenas promove uma solidariedade interna, mas também impulsiona uma moral coletiva voltada ao engajamento em experiências políticas — como o alistamento em massa de jovens durante os conflitos armados. Sendo assim, esse rearmamento moral do Estado tinha a função de buscar não apenas integrar as novas demandas sociais, mas também consolidar as identidades nacionais por meio da homogeneização de seus cidadãos. Tal esforço se expressava, inclusive, em práticas de controle do corpo e da aparência, que colaboraram para a criação de uma imagem pública alinhada aos ideais da nação.

A ideia de todos as pessoas serem iguais passa a ser instaurada em alguns países europeus pós revolução Francesa, todas as ideias ligadas uma vez a cidadania, a principal ideia de os homens serem vistos como iguais era de uniformizar a nação, isso era uma forma do Estado rearmar e implementar novas coisas pensando principalmente nas demandas sociais.





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

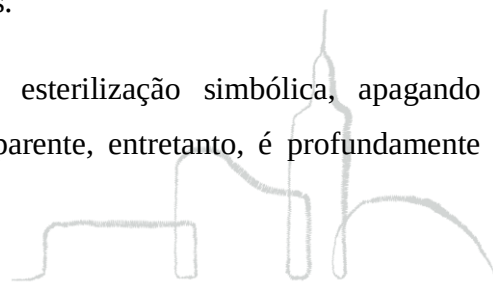
Portanto, a exibição dos vestuários ainda seguia como um privilégio, porém, o privilégio passa a ser de gênero e com isso as roupas masculinas mostravam sempre uma mesmice, destacando-se que a forma de um acontecimento contemporâneo voltado ao olhar, as mulheres passam a se tornarem objetos observados pelos homens algo que originalmente os homens também eram esses objetos. Com essa transformação do homem com um ser mais observador, surge a questão de uniformizar esse novo homem pertencente a essa nova nação, porque também ocorre uma transformação de rei para governante, e dito isso esses governantes passam a se deslocar pela nação e essa figura ajudou na construção da cidadania. (Hunt, 2010, p.34)

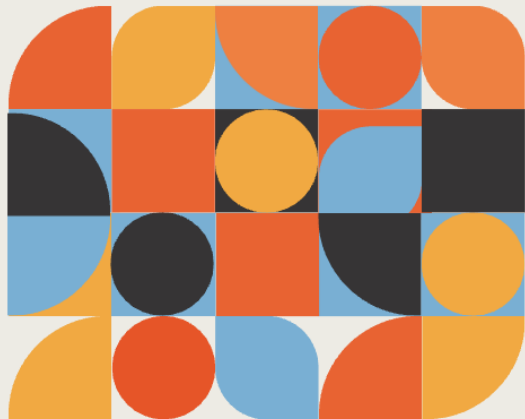
Uniformização e autoritarismo

Nesse contexto, a uniformização, entendida como o esforço sistemático de produzir semelhanças em grande escala, vai além da padronização material, ela constitui uma tecnologia de controle e visualização social. No campo do vestuário, esse processo atua sobre os corpos como uma linguagem reguladora, como uma inscrição simbólica do pertencimento, da função e da confiabilidade. A roupa, especialmente no contexto apresentado, não apenas cobre o corpo, mas o transforma em um suporte visível da lógica burocrática e estatal. No entanto, vestir-se “corretamente” torna-se, portanto, um gesto político e civilizatório, uma forma de demonstrar que se é digno de confiança, previsível, útil ao sistema. Nesse sentido, a disciplina estética dos corpos se articula com o imaginário da racionalidade, da eficiência e da autoridade. Trata-se de uma pedagogia visual que instrui o olhar público a reconhecer e validar determinadas figuras como legítimas e outras como desviantes.

A esse respeito, a ascensão do terno como traje masculino universalizado ao longo do final do século XIX e início do XX configura-se como um exemplo paradigmático. A padronização do vestuário masculino não apenas aboliu distinções estéticas entre as classes urbanas, mas também construiu um ideal de cidadão moderno: discreto, racional, controlado. Em contraste, a moda feminina, nessa mesma época, intensificava a ornamentação e a distinção, refletindo expectativas diferentes sobre o papel social dos corpos.

Já o vestuário masculino foi submetido a um processo de esterilização simbólica, apagando particularidades em nome da neutralidade pública. Essa neutralidade aparente, entretanto, é profundamente





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

ideológica: ela representa o triunfo da norma sobre a exceção, da ordem sobre o improvisado, da homogeneização sobre a multiplicidade.

Ademais, ao promover a imagem de um sujeito disciplinado e “confiável”, o traje masculino padronizado foi fundamental na formação de figuras de autoridade — o funcionário público, o militar, o político — criando, inclusive, uma espécie de semelhança estética, onde homens ordinários aspiravam aos códigos visuais das grandes figuras nacionais. Assim, inspirados pela aparência de estadistas, líderes ou heróis, os sujeitos comuns passaram a moldar seus corpos e condutas de acordo com um ideal de nação, progresso e masculinidade normativa.

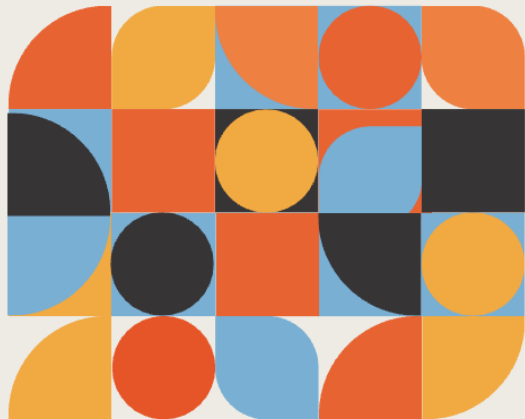
O autoritarismo é guiado por esforços de proibição, opressão e expulsão, não só isso, como também o comum sentimento de ódio entre inimigos externos do país, juntamente com o alto número de convocações da população a agir militarmente — fazendo muita propaganda e lembrando que se alistar e estar ligado militarmente ao seu Estado é um ato de cidadania — ligado ao sentimento de superioridade cultural e desenvolvimentista em relação a outros países.

Entretanto, pode se destacar o ultranacionalismo presente nos países recém-formados, como Itália e Alemanha, cuja ascensão do nazismo e fascismo podem ser compreendidas, em parte, pela identificação dos homens — únicos reconhecidos como cidadãos plenos — não apenas com a propaganda estatal, mas também com os códigos de vestimenta veiculados pelo regime.

Nesse contexto, não se pode negligenciar o papel central da moda como instrumento de construção e disseminação dessa identidade masculina política e social. O debate em torno da moda, nesse período, foi atravessado por elementos antigos e novos, evidenciando um nacionalismo exacerbado que, muitas vezes, se articulava com políticas econômicas protecionistas, discursos xenofóbicos inflamados e manifestações antisemitas fundamentadas em preconceitos históricos. A estética, portanto, foi mobilizada como ferramenta simbólica de poder e pertencimento, reafirmando a autoridade do Estado e seu ideal de cidadão-modelo

O novo homem e o período entre guerras





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

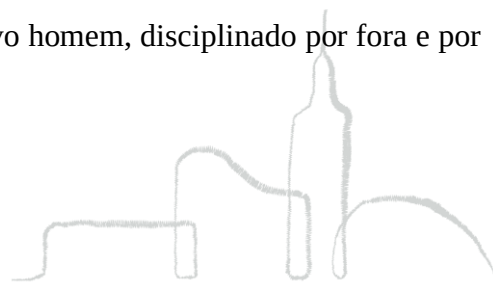
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

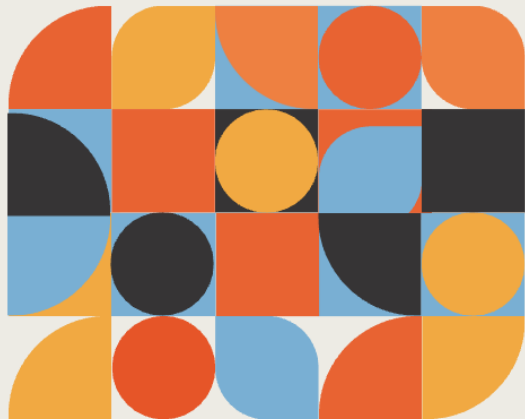
A moda do começo do século XX não era apenas para satisfazer caprichos, mas também e acima de tudo servia para estimular os negócios, não no interesse de indivíduos, mas da nação. Com isso, a ideia italiana de *Bella Figura* também é central para a romantização das ideias da Itália no exterior e de seus estereótipos. De fato, o uso de uniformes fascistas se inscreveu na reutilização do termo de *Bella Figura*, especialmente quando desfiles eram organizados, marchas pelas ruas da cidade antes de se reunirem no espaço consagrado para exibir sua *Bella Figura*: a praça da cidade. Aqui, a política de moda do fascismo se alinhava completamente com práticas tradicionais consagradas pelo tempo. (Paulicelli, 2004. p.76)

Mais do que influenciar, a moda se tornou um mecanismo de reconhecimento e conformidade entre os homens. Vestir-se de modo semelhante — especialmente com ternos bem ajustados, roupas de alfaiataria ou mesmo os uniformes de inspiração militar — criava uma aparência de coesão e disciplina, importantes para o imaginário de um Estado forte e regenerado. A imagem do homem moderno, cidadão exemplar, era modelada por esse código visual que apontava para a ordem, a virilidade e o autocontrole.

Inspirados por figuras públicas como Mussolini ou até por ícones militares, os homens passaram a imitar suas posturas, gestos e trajes, buscando incorporar a força que esses líderes transmitiam não apenas no discurso, mas também na imagem. Essa mimetização não era apenas um desejo de pertencimento: era uma estratégia de afirmação social e de alinhamento ideológico, em que a indumentária funcionava como prova visual de adesão.

O terno, nesse contexto, deixava de ser apenas uma peça burguesa e se tornava uma armadura simbólica — rígida, imponente, reguladora do corpo e da conduta. A moda masculina, ainda que aparentemente neutra, era altamente carregada de mensagens políticas, onde o corpo vestido se transformava em um corpo ideológico. A estetização da política também se dava por meio da uniformização, que criava uma sensação de massa e apagava diferenças individuais em favor de uma identidade coletiva. O ideal de masculinidade proposto pelo fascismo passava pela força física, pela aparência limpa e pela performance estética da autoridade. O culto ao corpo saudável, à boa postura e à aparência viril completava essa imagem do novo homem, disciplinado por fora e por dentro.





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Ocorreu uma estetização da aparência, com seus significados sociopolíticos estão bem escondidos além da performance através do vestir, está completamente desprovida de entradas sobre a *Camicia Nera* (camisa negra). Esse novo modo de se vestir como um fascista e esse modo *italianamente* é algo para explicar o nascimento de um novo tipo de italiano que está ligado a essa criação de uma nova identidade cultural. Portanto, contendo separações profundas nas tradições, práticas culturais e sociais da nação, como o culto à beleza se entrelaça com o discurso sobre estilo e seu impacto na construção e percepção do que podemos chamar de coisa real. A exaltação do estético, vínculo íntimo entre estética e política. E em nenhum outro lugar jovens homens e mulheres italianos podiam exibir melhor o cuidado que dedicam à sua aparência e a seus corpos na projeção de sua *Bella Figura* do que nos esportes.

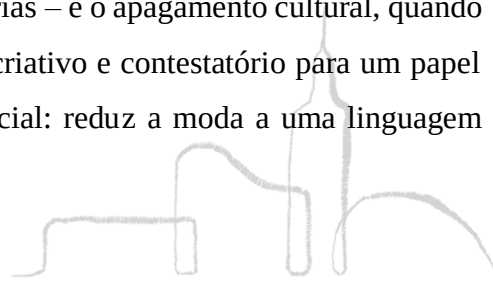
As mensagens políticas que os usuários desejavam transmitir nos mostram claramente como a moda funciona como um sistema de comunicação e como a propaganda fascista explorou esse componente-chave da moda, fazendo do estilo uma das principais preocupações da ideologia fascista e da performance de um herói (Paulicelli, 2004, p.78).

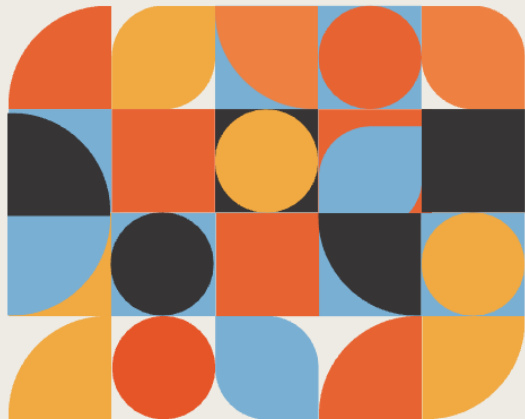
Discussão e considerações finais

Em síntese, a uniformização do vestuário, desde seu entrelaçamento com os projetos nacionalistas do final do século XIX e início do XX, revela-se como um aparato de poder que vai muito além da simples padronização estética. Ao cristalizar um modelo de “cidadão exemplar” – sobretudo masculino, sóbrio e econômico em formas –, ela não apenas legitima hierarquias de gênero, mas também impõe uma moralidade coletiva que regula comportamentos e aparências.

Essa gramática visual padronizada, ao enfatizar cortes, cores e proporções rígidas, oculta as singularidades regionais e artesanais, apagando saberes locais que construíam modos de vestir plurais e dialógicos.

No contexto contemporâneo, essa herança autoritária permanece em códigos corporativos, militares, escolares e até digitais que insistem em separar o “masculino” e o “feminino”, perpetuando exclusões. A ausência de pluralismo – materializada na negação de vozes dissidentes ou minoritárias – e o apagamento cultural, quando uniformizamos comunidades inteiras, deslocam a moda de seu potencial criativo e contestatório para um papel de disciplinamento social. Em meu ponto de vista, esse legado é prejudicial: reduz a moda a uma linguagem





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

normativa, reforça preconceitos de classe, raça e origem, e mina a capacidade de expressão individual e coletiva que deveria caracterizar qualquer cultura vestimentar viva.

Para concluir, defender uma moda contemporânea plural e democrática exige desconstruir a separação de gênero e valorizar as multiplicidades culturais antes suprimidas. É preciso reconhecer que corpos não binários e narrativas periféricas têm o direito de ocupar espaços de visibilidade, criando novas gramáticas visuais que dialoguem com tensões identitárias e históricas.

Fortalecer cadeias produtivas locais e artesanais, apoiar coletivos independentes que subvertem códigos hegemônicos e reconhecer o papel das plataformas digitais na difusão de vozes dissidentes são passos fundamentais para transformar a moda em campo de resistência. Mais do que acolher diferenças, trata-se de redefinir o próprio conceito de “roupa adequada”, abrindo caminho para práticas de vestir que expressem desejos, histórias e trajetórias singulares.

Referências

BAYLY, C. A. The birth of the modern world, 1780–1914: global connections and comparisons. Malden: Blackwell, 2004.

GUENTHER, Irene. Nazi chic? Fashioning women in the Third Reich. Oxford: Berg, 2004.

PAULICELLI, Eugenia. Fashion under fascism: beyond the black shirt. Oxford: Berg, 2004.

HUNT, Lynn (ed.). The French Revolution in global context. Ithaca: Cornell University Press, 2014.

THIESSE, Anne-Marie. La création des identités nationales: Europe XVIIIe–XXe siècle. Paris: Éditions du Seuil, 2008.

